

O audiovisual “Vamo que Vamo”: Cultura de resistência popular na internet.¹

Jhonnatan Pablo Roxo AZEVEDO²
Célia Regina Trindade Amorim CHAGAS³
Universidade Federal do Pará

RESUMO

O presente artigo apresenta um breve histórico da atuação do coletivo audiovisual popular, “Vamo que Vamo”, originário da ONG Centro de Estudos e Práticas Popular (Cepepo), de Belém (PA). Para tanto foi desenvolvido pesquisa bibliográfica e utilizado a técnica da entrevistas com integrantes do Cepepo e do “Vamo que vamo”. Este artigo faz parte dos estudos iniciais do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), com defesa para o segundo semestre de 2013. O problema gerador da investigação partiu da seguinte indagação: A participação de jovens em produções audiovisuais de caráter contra hegemônico influencia na sua formação cidadã? O texto apresenta algumas das indagações comuns à proposta, possíveis direcionamentos teóricos e uma indicação próxima para o início dos estudos acerca da temática.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação Popular; Vamo que Vamo; Mídia alternativa.

INTRODUÇÃO

A disciplina “Comunicação Popular⁴” possibilitou a descoberta do trabalho da ONG Centro de Estudos e Práticas Popular (Cepepo), do bairro do Guamá, periferia de Belém (PA). A ONG existiu durante 30 anos. À época o grupo já havia encerrado as atividades de Educação Popular por falta de recursos financeiros. Característica típica das mídias alternativas.

Sob a influência dos estudos da Educação Popular de Paulo Freire, um grupo de artistas populares, jornalistas e comunidade iniciou as atividades do Cepepo, na década de 80 do século passado, em Belém do Pará. O Cepepo oferecia às comunidades da periferia

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Comunicação, Espaço e Cidadania, da Intercom Júnior – IX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Graduando do 7º semestre de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, da Universidade Federal do Pará (UFPA), pabloazevedo@ymail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora Doutora de Comunicação Social da Universidade Federal do Pará (UFPA), celia.trindade.amorim@gmail.com

⁴ Ministrada pela professora doutora Célia Amorim, em 2010.

da cidade oficinas de comunicação, inicialmente, com a fotografia, de forma a difundir os conceitos ligados à cidadania, direitos e deveres. Mais a frente, o audiovisual passou a fazer parte do repertório de atividades da ONG que tinha entre os participantes, a maioria jovem.

Desses jovens, sete firmaram o compromisso de propagar a estratégia da ONG: utilizar a comunicação como ferramenta de transformação cidadã. Surge, então, o coletivo jovem intitulado “Vamo que vamo” – objeto de estudo do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). A partir de uma busca inicial na internet em importantes sites acadêmicos, como o portal “Periódicos” e o “SciELO” por exemplo, foi percebido que o “Vamo que Vamo” ainda não está pautado cientificamente.

Ao contrário, o Cepepo já aparece em alguns artigos, apesar de a maioria dos textos encontrados serem de autores estrangeiros, por exemplo, de Hilde C. Stephansen, pesquisadora do Departamento de Mídia e Comunicação da Universidade de Londres. Stephansen publicou na revista científica canadense, “Interface: a journal for and about social movements”, um artigo sobre a participação da ONG no Fórum Social Mundial (FSM) de 2009, realizado na Universidade Federal do Pará. O grupo ganhou visibilidade após o FSM, onde atuou em painéis, rodas de discussão e, mais diretamente, no Laboratório de Comunicação Compartilhada.

Estes são alguns dos motivos que justificam a escolha do “Vamo que Vamo” como objeto de estudo, ademais a sua importância social e acadêmica, vinculadas à continuidade do trabalho, pelo coletivo “Vamo que Vamo”.

“VAMO QUE VAMO”

Do dito popular “Se não tem tu, vai tu mesmo. Então, vamo que vamo” surgiu o nome do coletivo de jovens que escolheram a comunicação como ferramenta de engajamento. A expressão faz referência a utilizar o que se tem disponível. Justamente, o que fez o grupo. De início, eles contaram com a colaboração do Cepepo, no sentido de disponibilizar a infraestrutura necessária como câmeras, ilha de edição e estúdio.

Todos os jovens do coletivo participaram das oficinas do Cepepo e, a partir da experiência adquirida, deram continuidade, de maneira adaptada, do trabalho com comunicação

popular. De forma itinerante e voluntária, o “Vamo que vamo” atuou como facilitador de oficinas de vídeo, roteiro e produção para outros jovens, geralmente, nas escolas e nos centros comunitários.

Em 2009, no início das atividades, foi criado um blog, onde, mais tarde, foram disponibilizados todas as produções do grupo. Segundo a descrição no blog, a proposta era “de divulgar a comunicação compartilhada perante a sociedade e trabalhar com jovens, utilizando a sua linguagem e sua dinâmica como forma de fortalecer o protagonismo juvenil em uma sociedade cheia de diversidades e exclusão” (disponível em <http://vamoquevamovqv.blogspot.com>). Outra proposta assinalada no blog, é a de despertar os jovens para a importância da democratização da comunicação.

A cada oficina ministrada, novas produções que tratavam ora de manifestação cultural, reforçando o cenário de representação (LIMA, 2004), ora uma reivindicação. Podendo ser...

“a representação como espelho de uma realidade fora de si e a representação como construtora dessa mesma realidade ou, ainda, a representação como realidade. Tal visão permite-nos mesmo inaugurar um conceito de representação como lugar e contexto, já que no seu âmbito são elaboradas as iniciativas para a construção de cenários. Nesse sentido, existiriam cenários como lugares para elaboração de representações – sejam estas produtoras de uma nova realidade ou reflexivas de uma realidade constituída”. (FREITAS, 2009. Pág. 84)

Os jovens falando deles próprios perante as pautas sociais impregnam as produções de um teor de criticidade que não está presente na produção da mídia hegemônica. A realidade é tratada e questionada por quem a vivem, de fato.

“A Comunicação Popular é portadora de um conteúdo crítico da realidade e reivindica a construção de uma sociedade mais justa. Como produto de uma situação concreta, seu conteúdo nos últimos anos é essencialmente composto por denúncias sobre as condições reais de vida, críticas às estruturas de poder geradoras das desigualdades, convite à participação e organização, reivindicações de acesso a bens de consumo coletivo etc”. (PERUZZO 1995, p. 37)

O grupo apresentou a outros jovens a possibilidade de ter voz em uma sociedade onde a hegemonia é quem fala. “É um tipo de abertura, não uma revolução, mas um tipo de justiça. Alguém de um mundo antes não aceito que, agora, entra num outro mundo antes inacessível” (DOWNING, 2002).

Mais tarde, o coletivo firmou uma parceria com a Universidade Popular (Unipop), de Belém. Ambos deram continuidade ao trabalho de comunicação popular. Havia uma necessidade de, antes da produção e da oficina, ouvir o que os participantes, que ora eram públicos, ora eram produtores, tinham a dizer. Quais eram as suas reivindicações? Como eles viam a própria realidade? O quão distante eles estavam da realidade que é mostrada na produção hegemônica? O grupo realizava o trabalho de recepção com os participantes, de forma a aproximar o máximo possível da realidade vivida e dos anseios deles. Há, então, a necessidade de especializar-se na atividade, consoante ao que Freitas (2009) mostra...

“... há um desejo de ‘especializar-se, de tornar-se ‘especialista’, imanente à condição de produtor e produto periférico e ‘marginal’ (no sentido de estar à margem, fora do centro, fora do mainstream)... não falo apenas a partir da lógica do produtor especializado, mas também dos produtos e dos meios de comunicação, considerando os atributos da tecnicidade e do aprimoramento da mídia e, por que não dizer, a partir da especialização do público, da audiência, do receptor, do consumidor” (FREITAS, 2009, pág. 88)

Dentro da proposta, o “Vamo que vamo” assume o papel de porta voz da comunidade que atende. A produção, que traz a voz não mostrada pela mídia hegemônica, fica disponibilizada na rede mundial de computadores. Há um reposicionamento da fala, que é localmente calada, ganha projeção internacional. O local se globaliza.

“Os movimentos sociais do século XXI, ações coletivas deliberadas que visam à transformação de valores e instituições da sociedade, manifestam-se na e pela internet [...] Ela se ajusta as características básicas do tipo de movimento social que está surgindo na Era da Informação. E como encontraram nela seu meio apropriado de organização, esse movimentos abriram e desenvolveram novas avenidas de troca social, que, por sua vez, aumentaram o papel da internet como sua mídia privilegiada” (CASTELLS, 2003, p.114-115).

Além da possibilidade de alcance da internet, o “Vamo que vamo”, por meio do Cepepo, participou diversas vezes do quadro “Outro olhar”, da TV Brasil, contribuindo com produções audiovisuais. Como sugere o título do quadro, o espaço é dedicado a vídeos que tragam um olhar diferenciado de um dado assunto. Aspectos da cultura paraense, a exemplo do “Círio de Nazaré”, “Cordão do Peixe-boi” e o bloco carnavalesco “Jambu do Kaveira”, foram mostrados em rede nacional a partir do olhar jovem do grupo.

QUE CIDADE QUEREMOS PARA VIVER?

Para a coleta de dados para o TCC, José Oeiras e Harrison Lopes, que participaram da ONG, foram entrevistados. Este primeiro, ainda na década de 80, esteve presente nas primeiras atividades da ONG e, mais tarde, foi membro da diretoria. Já Harrison participou das oficinas do Cepepo e se tornou arte-educador voluntário.

José Oeiras relatou sobre uma oficina com jovens do bairro de Águas Lindas, em Ananindeua, região metropolitana de Belém, que a partir da atividade o Cepepo⁵ deu a comunidade o poder de transformar a realidade de seus moradores. Ao final de mais uma oficina, os participantes resolveram tratar da realidade de quem mora próximo aos lixões clandestinos do bairro, no vídeo. Com a exibição na Câmara Municipal, o produto audiovisual, além de denunciar, provocou a ação do Ministério Público, junto a Prefeitura de Ananindeua. A partir disso, a região retratada recebeu assistência devida e o problema foi solucionado.

As produções trazem algumas das reflexões que a comunidade não tem onde externar. Outro exemplo é o vídeo⁶ “Que cidade queremos para viver?”, resultado da oficina de vídeo de bolso, ministrada pela Unipop e o núcleo “Vamo que vamo”, com jovens do bairro da Terra Firme, periferia de Belém. Após a oficina, os jovens saíram às ruas do bairro para colher depoimentos dos moradores sobre que cidade eles queriam para viver. Desta maneira, o grupo convida, ainda que sutilmente, os personagens do vídeo – entre jovens, adultos e idosos - e o público a refletir sobre a construção do futuro.

Nos três minutos do vídeo, elucidam-se as possíveis soluções, dada pelos próprios entrevistados, aos problemas que foram expostos. É unânime, dentre os entrevistados, que a resposta para “que cidade queremos para viver?” não está alinhada a realidade a qual estão inseridos. O questionamento suscita a participação da comunidade que, pela grande mídia, está aquém da sociedade de forma geral. Por isso, “é legítimo pensar que o que move o desejo de ocupar a esfera pública de visibilidade, por grupos eternamente participantes de subsistemas dependentes e controlados por grupos e instituições, é o fato de integrarem um subsistema quase autônomo” (FREITAS, 2009).

⁵⁵ Este exemplo é referente a ação da ONG Centro de Estudos e Práticas Populares (Cepepo), anterior ao surgimento do coletivo “Vamo que vamo”, objeto de estudo da pesquisa do presente artigo.

⁶ Vídeo disponível na internet, no link:

<http://www.youtube.com/watch?v=6OEoYRd4t8A&list=UU8BM8t76Q31bs1MQFb53u7g&index=7>

Até março de 2013, o vídeo somava quase 600 visualizações. Em comparação aos grandes estouros midiáticos da internet atualmente, o número pode ser pequeno. No entanto, a análise deve ser feita em relação a possibilidade de voz dos participantes antes e depois da produção. O que não estava em mídia alguma foi divulgado para todos os que visitaram o link, sem contar o público em potencial, considerando a rede. “A internet *propõe*⁷ um espaço de comunicação inclusivo, transparente e universal, que dá margem à renovação profunda das condições da vida pública no sentido de uma liberdade e de uma responsabilidade maior do cidadão” (LÉVY, 2012).

Esta produção, segundo Downing (2002), representa o lugar onde “possamos expressar nossos sentimentos, nossos olhares, visões e necessidades às autoridades econômicas e políticas”. A produção, ainda, vai de encontro a imagem estigmatizada das periferias brasileiras, além de comunidades passivas, um estereótipo que são locais de caos e distante de discussões políticas, ao que Freitas (2009) explica...

“Se a produção de vídeo sobre a periferia quebra a universalidade de códigos, que no caso do brasileiro parecem estar erigidos sobre uma produção que representa a periferia a partir de um modelo de caos metropolitano como tido e visto no eixo centro-sul do país, os vídeos autóctones, produzidos pela própria periferia, parecem significar uma ‘nova estética da periferia’, que, se não fogem tão radicalmente dos moldes pré-definidos pela produção hegemônica, contribuem para a destituição da carga de dominação presente na produção hegemônica reelaborando novas esferas de dominância e preferência. Afinal, seus produtores, até então eram tidos como receptores passivos, elaboram a codificação a partir de uma longa experiência com a decodificação da mensagem” (FREITAS, 2009, pág.106)

CAMINHOS POSSÍVEIS

Para o desenvolvimento da pesquisa, foi realizado previamente, um levantamento de produções científicas relacionados ao objeto de pesquisa, e, como relatado anteriormente, há produções com foco nas ações do Cepepo, em sua maioria de outras áreas das humanas afora a Comunicação. Além de haver mais publicações estrangeiras em relação às nacionais.

⁷ Grifo do autor.

Além de apresentar a problemática norteadora da pesquisa até então, A participação de jovens em produções audiovisuais de caráter contra hegemônico influência na sua formação cidadã? Visto o caráter mutável da pesquisa científica, sendo que foge à competência do pesquisador determinar o desenrolar da pesquisa, cabendo, então, estipular apenas os caminhos, as hipóteses e métodos de pesquisas, que serão tratadas na sequência.

É visto que se configura um estudo de caso, onde a proximidade com o objeto é indispensável. Algumas entrevistas já foram realizadas, no entanto, a finalidade é ouvir os sete membros do coletivo de forma a entender a participação de cada um no grupo e as implicações no repertório destes. Faz-se necessário, ainda, uma pesquisa bibliográfica com maior abrangência, de forma a contemplar estudos de casos em que haja semelhanças com o “Vamo que vamo”.

Entre os objetivos secundários, está o levantamento de todas produções do coletivo de 2009 a 2012, bem como a disponibilização destes em mídia DVD para a Faculdade de Comunicação (Facom) da Universidade Federal do Pará (UFPA).

Alguns dos possíveis direcionamentos teóricos para sustentação da pesquisa estão nas obras de John H. Downing, acerca da mídia alternativa, e os estudos conceituais de Antônio Gramsci sobre poder e contra hegemonia. Utilizar-se-á, ainda, literaturas de Cicilia Peruzzo, Regina Festa, Ricardo Freitas e, considerando o fenômeno da internet nas atividades do coletivo, soma-se os estudos de Pierre Lévy, Dênis de Moraes, Alex Primo e Dominique Wolton.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já exposto ao longo deste texto, a importância de estudar o “Vamo que vamo” reside em sua contribuição social, na formação e no despertar dos cidadãos principalmente da periferia, e acadêmica no sentido de ilustrar a prática da comunicação enquanto ferramenta de transformação social. Há um legado, autenticamente amazônico, na rede que ainda não está nos escritos acadêmicos. Quanto se pode retirar de conhecimento é imensurável, portanto, soma-se mais ímpeto à pesquisa. Quando se está “convertendo favelados em comunicadores ativos e autônomos” (BESTRÁN, 1988, p. 29), potencializa-se a possibilidade de transformar a esfera pública em um local mais participativo e com menos

exclusões, no entanto, é necessário não só o acesso à ferramenta, mais também a sua instrumentalização.

O trabalho do “Vamo que vamo” além de conceder voz a uma minoria, representa o acesso à cidadania.

“a comunicação comunitária se caracteriza por processos de comunicação baseados em princípios públicos, tais como não ter fins lucrativos, propiciar a participação ativa da população, ter propriedade coletiva e difundir conteúdos com a finalidade de educação, cultura e ampliação da cidadania”. (PERUZZO, 2006, p. 9).

Apesar do coletivo em muitos aspectos se assemelhar às produções hegemônicas, em seu sentido técnico, representa, um primeiro contato ao meio antes negado. O avanço tecnológico e o acesso à internet potencializou a figura do cidadão.

“Para além das reivindicações por representações justas, a modernidade inaugura a auto-representação das minorias e sua ‘chegada’ aos veículos. Apesar de encontrarem, em meio às tecnologias da comunicação, uma série de manuais, vícios e modelos já consagrados de produção (afinal, somente há pouco tempo é que os grupos marginalizados começaram a assumir posição em tal campo – quanto tempo levará para influenciarem na remodelação do trabalho?), nada elimina as chances de navegarem por novos caminhos” (FORMIGA, 2009. Pág. 167)

A pesquisa tratará de jovens que descobriram o poder que têm dentro da esfera pública e resolveram difundi-lo, mostrar outra realidade, dizer o não dito e trazer à tona as questões que, propositalmente, não foram tratadas pela mídia hegemônica, em um outro modelo de trabalhar a informação.

“Numa estrutura em que as classes e o Estado capitalista são analisados meramente como controladores e censores da informação, o papel da mídia radical pode ser visto como o de tentar quebrar o silêncio, refutar as mentiras e fornecer a verdade. Esse é o modelo da contra- informação” (DOWNING, 2002, p. 49).

No entanto, uma vez que demanda financiamento, a maioria dos canais de comunicação popular acaba por ser extinta, a exemplo do próprio Cepepo. O “Vamo que vamo” teve uma

parada brusca em suas atividades no mês de junho de 2013, com a morte de um de seus membros.

A ação do coletivo me provoca a refletir sobre a formação dos futuros profissionais de Comunicação. Como os cursos de graduação estão preparando estes estudantes para o mercado? Na Faculdade de Comunicação da UFPA (Facom), a disciplina “Comunicação Popular”, por exemplo, foi ministrada a última vez em 2010, como optativa. De lá para cá, três anos, quantos profissionais de formaram sem, teoricamente, ter o contato com a temática? Mais uma vez, os estudos acadêmicos acerca da comunicação feita, essencialmente, pela comunidade se fazem mais que importantes, são necessários.

REFERÊNCIAS

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

DOWNING, John D. H. **Mídia Radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais**. São Paulo: Ed. Senac, 2002.

FREITAS, Ricardo O. **Da margem ao centro: comunicação e arte frente às questões de produção e recepção em produtos audiovisuais periféricos**. In: *Mídia Alternativa: estratégias e desafios para a comunicação hegemônica*. Bahia, Editora da UESC, 2009.

FORMIGA, Heron. **Minorias, Manifestações e Mídia: A hora de dizer o dizível**. . In: *Mídia Alternativa: estratégias e desafios para a comunicação hegemônica*. Bahia, Editora da UESC, 2009.

JESUS, Luiz R. V. **Formação Jornalística para a Cidadania**. In: XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação. Campo Grande, MS. Intercom, 2001.

LIMA, Venício A. **Cenários de representação da política**. In: *Comunicação e Política: conceitos e identidades e abordagens*. Salvador, EDUFBA, 2004.

PERUZZO, Cicilia M. K. **Comunicação popular em seus aspectos teóricos**. In: *Comunicação e culturas populares*. São Paulo: Intercom, 1995.

STEPHANSEN, Hilde C. **Longer-term strategies: strengthening communication networks in the Amazon**. In *Interface: a journal for and about social movements*, National University of Ireland Maynooth, 2013.

<http://vamoquevamovqv.blogspot.com>